



CONTRIBUIÇÕES DA EDUCOMUNICAÇÃO PARA A ESCOLA COMO ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO PARTICIPATIVA E DE EDUCAÇÃO DIALÓGICA

Cristiane Maros¹

Patrícia Schmidt²

Marília Crispi de Moraes Maciel³

RESUMO: O artigo resulta da análise de deficiências de comunicação interna constatadas em uma instituição particular de ensino e propõe aliar ações de educomunicação e de comunicação institucional como forma de aproveitar o espaço escolar para o exercício do livre fluxo democrático da informação. Nessa perspectiva, o aluno passa a atuar diretamente na construção de processos comunicativos na escola e com a comunidade escolar de entorno (pais, professores, funcionários e público externo).

Palavras-chave: educomunicação; comunicação institucional; fluxo informativo

RESUMEN: El artículo resulta de la análisis de deficiencias de comunicación interna constatadas en una institución particular de enseñanza y propone coligar acciones de educomunicación y de comunicación institucional como manera de aprovechar el espacio escolar para el ejercicio del libre flujo democrático de la información. En esa perspectiva, el alumno pasa a actuar directamente en la construcción de procesos comunicativos en la escuela y con la comunidad escolar en rededor (padres, profesores, funcionarios y público externo).

Palabras-claves: educomunicación; comunicación institucional; flujo informativo.

SUMMARY: The article results of the analysis of the intern communication deficiencies evidenced in a private education institution and it suggests to link actions of educommunication and institutional communication as a form to make the best of the place of school to the charge of the free democratic flow of information. In this perspective, the student directly starts to act in the construction of the communicative processes at school and with a school community (parents, teachers, employees and external public)

Key-words: educommunication; institutional communication; informative flow

¹ Pedagoga e pós-graduanda em Gestão Estratégica de Comunicação e Eventos; IELUSC/Joinville-SC, cris_maros@yahoo.com.br.

² Pedagoga e pós-graduanda em Gestão Estratégica de Comunicação e Eventos; IELUSC/Joinville-SC, meupompom@yahoo.com.br.

³ Jornalista, Mestre em Ciências da Linguagem, IELUSC/Joinville-SC, jp_mariliamaciel@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

No sistema das organizações empresariais, muitas deficiências são encontradas. É necessária uma constante análise no processo de gerenciamento para detecção de problemas institucionais, causados pela desconexão do grupo, em decorrência de distorções na comunicação interna.

Se a comunicação interna é imprescindível em qualquer empresa, mais vital ainda é em uma instituição educacional, onde o conhecimento é o objetivo fundamental dos principais envolvidos: alunos e professores.

A desinformação em relação aos eventos e atividades desenvolvidas na instituição escolar prejudica o contato interpessoal, deixa o processo de comunicação interna vulnerável e alvo de ruídos, de diversas interpretações, colocando toda a instituição à mercê de subjetividades e com menor aproveitamento das ações criadas.

Em uma época onde a evolução tecnológica marcadamente privilegia a comunicação, a escola precisa utilizar todos os recursos possíveis para promover o fluxo informativo entre seus membros. Nesse cenário, um novo campo teórico-prático começa a ser desbravado: a “educomunicação”. Unir os conhecimentos da Educomunicação e de Comunicação Institucional e, a partir deles, propor estratégias que contribuam para uma comunicação interna mais efetiva dentro do ambiente escolar é o desafio aqui proposto.

Há tempos a escola deixou de ser o único ou principal fornecedor de conhecimento a crianças e adolescentes. O desenvolvimento de novas tecnologias eletrônicas, cada vez mais acessíveis, alia-se à crescente presença da mídia no cotidiano das pessoas, por isso torna-se imperativo refletir sobre a importância da comunicação interna como meio facilitador do entrosamento social e das práticas pedagógicas no ambiente escolar.

O educador Paulo Freire, ao longo de sua obra, já alertava para a necessidade de enxergar a comunicação como elemento fundamental no processo educativo, pois é ela que transforma seres humanos em Sujeitos. Para Freire, a educação é um processo da comunicação, pois a construção partilhada do conhecimento só ocorre mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo.

No espaço educativo, a gestão da comunicação deve tratar do planejamento, execução e realização de procedimentos e processos que criam ecossistemas comunicativos a fim de aproveitar o espaço escolar para o exercício do livre fluxo democrático da

informação, além de preparar os estudantes para uma leitura crítica dos conteúdos disseminados pelos meios de comunicação de massa. Mas as práticas educomunicativas vão muito além de capacitar seus atores a uma análise crítica da mídia. Mais do que isso, incentivam o “protagonismo infanto-juvenil”, ou seja, o educando passa a ser ator principal de seu próprio processo de desenvolvimento intelectual. Nessa perspectiva, o aluno passa a atuar diretamente na construção de processos comunicativos na escola e com a comunidade escolar de entorno (pais, vizinhos da escola, público em geral).

COMUNICAR: UM CONSTANTE DESAFIO

A observação empírica costuma motivar a busca de melhorias para a realidade que nos cerca. Como educadoras, a convivência com problemas causados por deficiências na comunicação interna da escola é freqüente. O diálogo com outros profissionais da educação deixa claro que o mesmo desafio – o de melhorar a comunicação entre os partícipes da comunidade escolar – é uma constante. Tal constatação motivou-nos a buscar informações que pudessem nortear a adoção de estratégias capazes de melhorar o relacionamento entre os membros da comunidade escolar causando reflexos positivos na instituição de ensino e, principalmente, no processo de ensino-aprendizagem.

A instituição escolhida como *corpus* da pesquisa foi uma escola particular - que terá seu nome aqui preservado - localizada em São Bento do Sul, norte de Santa Catarina. A escola possui 370 alunos, 112 na educação infantil (berçário à pré-escola), 207 no ensino fundamental e 51 no ensino médio.

A estrutura física compreende campo de futebol, bosque, horta, dois parques, dois prédios. Um prédio abriga a educação infantil, e salas alternativas de dança, artes, música e teatro. Há duas quadras esportivas polivalentes cobertas, 8 salas de aula e banheiros. No outro bloco estão localizadas as salas do Ensino Fundamental e Médio, cantina, biblioteca informatizada, laboratório de ciências e um de informática, secretaria e a sala dos professores.

Em duas décadas de existência, a instituição de ensino investiu constantemente em ampliação da estrutura física, partindo de uma casa de 180 metros quadrados para as instalações atuais com 3000 metros quadrados de área. O aumento no número de alunos, no entanto, trouxe consigo a necessidade de aprimorar a comunicação interna, pois a escola atualmente divide-se em vários setores, cada qual com suas rotinas e projetos específicos.

A Educação Infantil está em prédio separado do Ensino Fundamental e Médio e a falta de um sistema organizado de comunicação interna faz com que haja freqüentes falhas de comunicação entre esses setores. Tal situação, de acordo com informações prévias coletadas junto a professores e funcionários, gera freqüentes equívocos comunicacionais até mesmo entre os pais que possuem filhos estudando nos dois setores da escola. Da mesma forma, os próprios alunos e professores deixam de ser informados acerca de projetos e eventos que estão em andamento em cada setor, perdendo a oportunidade de aperfeiçoar atividades e de provocar maior entrosamento e interdisciplinaridade no ambiente escolar.

A partir do estudo realizado é possível contribuir para que outras instituições de ensino, salvas as devidas peculiaridades, possam também atentar para a prática de ações de educomunicação como forma de melhorar os fluxos de comunicação interna e de potencializar a capacidade expressiva dos educandos.

ECOSSISTEMA COMUNICATIVO NO AMBIENTE ESCOLAR

O professor Ismar de Oliveira Soares coordena o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP e é um dos mais destacados pesquisadores da Educomunicação na América Latina. Para Soares, a Educomunicação constitui-se em

um conjunto de ações cuja finalidade é integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas. (SOARES, 2002, disponível em <http://www.usp.br/nce>, 10 de setembro de 2008).

A educomunicação propicia a alunos e professores novas possibilidades de interação com os meios de comunicação, tornando-os não mais meros receptores, mas produtores de mensagens no contexto social que é a comunidade escolar e, por vezes, alcançando a comunidade externa. Soares apud Sartori (2006, p 3) define quatro áreas constituintes da educomunicação:

1. Área da educação para a comunicação: consiste nas reflexões em torno da relação entre a comunicação e seus processos (produção, recepção, entre outros) e o campo pedagógico. Tem por objetivo possibilitar a leitura da relação entre os indivíduos e os meios, levando à intervenção nas políticas e processos de comunicação massiva;
2. Área da mediação tecnológica na educação: preocupa-se com a utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) nos processos educativos, em uma perspectiva interdisciplinar e voltada para capacitação ao uso pedagógico e discussão sobre o uso social e político;

3. Área da gestão da comunicação no espaço educativo: trata do planejamento, execução e realização de procedimentos e processos que criam ecossistemas comunicativos;

4. Área da reflexão epistemológica: compreende a reflexão acadêmica que atribui unidade teórica ao campo e, assim, aprofunda, sistematiza e legitima o campo.

Embora as quatro áreas estejam ligadas intrinsecamente, interessou particularmente à pesquisa a gestão da comunicação no espaço educativo.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento de projetos de educomunicação amplia as possibilidades de ensino-aprendizagem dos estudantes e professores, pode também propiciar um ambiente fecundo para a maior interação de grupos que compõem a comunidade escolar, conforme demonstra estudo realizado pelo pesquisador Renato Tavares Júnior, em 2007. Ele pesquisou os resultados da aplicação de um programa de educomunicação em rádio desenvolvido nas 455 escolas rede municipal de ensino de São Paulo, capital. A pesquisa de Tavares demonstrou através de apuração qualitativa e quantitativa que o programa de ações de educomunicação melhorou não apenas o fluxo de informações no espaço interno das escolas, como despertou maior interesse dos educandos pela aprendizagem dos conteúdos programáticos, diminuiu conflitos e envolveu a comunidade escolar e público externo no dia-a-dia das escolas envolvidas.

É possível identificar algumas semelhanças das estratégias da educomunicação com o endomarketing. “Endo”, do grego, significa ação interior, movimento para dentro. O endomarketing é a utilização de ferramentas do marketing voltadas ao público interno das organizações. A comunicação organizacional começou a ocupar espaço nas empresas norte-americanas desde a década de 1950 e seus reflexos positivos logo a fizeram se espalhar pelo mundo, chegando com força ao Brasil nos anos de 1970. No ambiente interno das empresas, a comunicação é vista como fator de motivação e de participação do quadro de funcionários.

No ambiente escolar, contudo, a comunicação interna vai muito além do interesse em satisfazer o público interno com vistas a imbuir os funcionários na direção de atingir as metas da organização e, conseqüentemente, melhorar a atuação da empresa no mercado. Na escola, a comunicação é a base de todo o processo de ensino-aprendizagem e se levarmos em conta que os alunos passam mais tempo diário com os meios de comunicação (TV, rádio, internet, etc) do que com os professores, as palavras de Soares levam a compreender que a comunicação interna no ambiente escolar é ainda mais complexa e desafiadora que a comunicação institucional de outras empresas e organizações.

O campo da Educomunicação é compreendido, portanto, como um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. O campo da Educomunicação incluiria, assim, não apenas o relacionamento de grupos (a área da comunicação interpessoal), mas também atividades ligadas ao uso de recursos de informações no ensino-aprendizagem (a área das tecnologias educacionais), bem como o contato com os meios de comunicação de massa (área de educação para os meios de comunicação) e seu uso e manejo (área de produção comunicativa). (SOARES, 2002, p. 264)

Ao abordar as “Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação”, a pesquisadora Ademilde Silveira Sartori (2006) destaca que “a aproximação Comunicação-Educação exige um novo pensar que reelabore modelos pedagógicos e novas estratégias de intervenção na sociedade que consigam responder aos processos mediáticos e educacionais”.

No caso de escolas particulares, como a escolhida para a pesquisa, a adoção de ações de endomarketing e a contratação de profissionais da área de comunicação é válida e recomendável, visto que não se pode fugir à realidade de que a instituição depende de “clientes” dispostos a pagar por seus serviços. Fortalecimento da marca e da imagem positiva da escola junto ao público interno e externo é, portanto, questão de sobrevivência empresarial. No entanto, tais providências não invalidam nem substituem o papel da Educomunicação como forma de fortalecer inter-relações pessoais do grupo escolar e ainda relações sociais mais amplas, envolvendo a expressão, arte, construção coletiva de significados e participação na sociedade. Antes, é preciso que haja uma intersecção dessas duas forças comunicativas: a da comunicação institucional e a educomunicação como garantia de um direito que é de todos: o direito à informação.

Para Rego (1986), a comunicação, enquanto processo, promove o encadeamento das partes de uma organização. O diagnóstico amplo das situações internas, sob perspectivas sociológicas e antropológicas, é necessário para implantação de projetos comunicacionais. É preciso conhecer o meio para intervir e melhorá-lo. É preciso ser claro, objetivo, dentro das reais necessidades, para que os participantes organizacionais possam assimilar as informações sem ruídos e sentindo-se parte da organização. A comunicação institucional atua como mediadora, equilibrando e ajustando a identidade da organização ao meio social. Na educomunicação, por outro lado, os próprios educandos e professores tornam-se agentes de comunicação, atuando eles próprios também como mediadores da

informação. No contexto educacional vale ressaltar o posicionamento de Tavares Júnior (2007: p.20):

Os objetivos da educação não se relacionam somente ao produto (produções midiáticas), mas principalmente ao processo (visando à construção de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos.)

É participando efetivamente da construção permanente desse ecossistema comunicativo da escola que o educando deixa de ser mero público-alvo da informação para ser seu protagonista. Ao comunicar, o aluno passa a entender melhor as complexidades da comunicação ao mesmo tempo em que se torna agente de produção de informações por meio de recursos tecnológicos audiovisuais dos quais está habituado a ser receptor.

É de Jesús Martín-Barbero (1996) a articulação do conceito de ecossistema comunicativo, estabelecido não só pelas tecnologias e meios de comunicação, mas pela teia de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal. O desafio, segundo Barbero, é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo experiências culturais heterogêneas, as novas tecnologias da informação e da comunicação e ainda manter aceso o interesse pela aprendizagem.

Soares (2002: p.125) amplia a noção de ecossistema comunicativo ao afirmar que engloba a “organização do ambiente, a disponibilidade de recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional”. Tal perspectiva é polifônica à medida que estimula a descentralização das informações, a postura de diálogo permanente entre seus atores e a interação. Segundo Soares, os ecossistemas comunicativos devem conter fluxos de comunicação positivos e recomenda que, ao geri-los, deve-se começar a partir dos pontos de consenso existentes no âmbito escolar, evitando conflitos. Porém, o fato de se partir de consensos não significa conformismo, ao contrário, a educação abre novas portas para o processo de ensino-aprendizagem, portas que vão muito além do uso apenas instrumental das novas tecnologias como ferramentas pedagógicas. Essa intenção coincide com o pensamento de Pierre Levy (1993) ao defender a idéia de que o homem deve agir sobre a tecnologia e não a tecnologia agir sobre o homem.

A comunicação dentro de qualquer organização, inclusive na instituição escolar, revê condutas, fortalece ações, viabiliza metas, incorpora cooperação e oportuniza ganhos.

Acreditar no potencial da instituição, divulgar e costurar todo o sistema organizacional faz da comunicação um elemento poderoso, disseminador de conceitos claros e consistentes para a comunidade envolvida. O contrário, também é válido: uma instituição que não divulga, não dá expressão aos seus objetivos, não conhece seu cliente interno, apresenta falhas na comunicação interna, não possui *feedback* do meio intrínseco, cai em uma falta de expressão que leva ao desconforto, fracasso, prejuízo e desestímulo de ensinar e aprender.

Tavares Júnior (2007: p. 34) evidencia que, enquanto na cultura de Gutemberg, da imprensa escrita, dos livros e textos, a disposição das informações é linear, hipotética e dedutiva, na cultura audiovisual é a não-linearidade, o mosaico, a mixagem, a composição por flashes, a intuição, a afetividade e a imaginação que estão presentes. A escola tradicionalmente privilegia a escrita, por isso ainda há uma forte tendência de usar as tecnologias de informação como meras ferramentas pedagógicas adaptadas ao modo tradicional de ensinar. A educomunicação quer mais do que capacitar os alunos para utilizarem o instrumental tecnológico. A intenção maior é torná-los produtores da comunicação exercendo o direito de acesso à informação e também o direito de comunicar.

Herdeiros da tradição escrita, ainda é desafiador aos professores compreender a complexidade dos ecossistemas comunicativos e o funcionamento dos meios de comunicação. É natural, portanto, que muitos educadores ainda se sintam inseguros quando se deparam à proposta da Educomunicação. Propiciar o contato e a troca de informações entre professores e profissionais da Comunicação Social, além de incentivar o estudo de teorias da Comunicação contribui para que os educadores compreendam melhor esse vasto campo e seus reflexos na vida cotidiana.

O ato de comunicar sempre envolve intenção e seleção. Assuntos de interesse do público interno da escola nem sempre despertam a mesma atenção de outros membros da comunidade escolar, como os pais, e do público externo. Por outro lado eventos e ações desenvolvidas na escola e que interessariam a toda a comunidade escolar e até ao público externo deixam de ser difundidas quando seus atores não percebem sua importância. O jornalismo trabalha o tempo todo com critérios de noticiabilidade que definem o “valor notícia” e facilitam a seleção das informações. Tomar conhecimento dos critérios de noticiabilidade é para a instituição escolar não apenas uma forma de melhor compreender os textos midiáticos utilizados no processo de aprendizagem, mas também um modo de

subsidiar as próprias escolhas de fatos a serem divulgados interna ou externamente seja por ações de comunicação institucional, seja por projetos de educomunicação.

O professor e pesquisador Nilson Lage define notícia como relato de um fato novo, ou de uma série de fatos novos relacionados ao mesmo evento, a partir do aspecto mais relevante. Sodré e Paiva (in www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005) chamam a atenção para a notícia como fato marcado:

o que chamamos de acontecimento jornalístico é um fato marcado, portanto, mais determinado para o sistema da informação pública do que outros existentes, tidos como não-marcados para a formação de um conhecimento sobre a cotidianidade urbana. A marcação define a noticiabilidade de um fato por critérios, concebidos como valores adequados ao acontecimento: os *valores-notícia (news values)*. Na prática rotineira do jornalismo, destacam-se como valores-notícia a novidade, a imprevisibilidade, o peso social, a proximidade geográfica do fato, a hierarquia social dos personagens implicados, a quantidade de pessoas e lugares envolvidos, o provável impacto sobre o público-leitor e as perspectivas de evolução do acontecimento. Os fatos não-marcados são normalmente desconsiderados pela pauta jornalística.

Teóricos do jornalismo apontam, basicamente, os mesmos critérios, com poucas variações, para elevar o fato à categoria de notícia. Entre esses fatores estão o momento do acontecimento, a intensidade, a clareza, a proximidade, o fator surpresa, a continuidade, composição e valores sócio-culturais.

O momento do acontecimento diz respeito à fatualidade, isso é, quanto mais recente o fato, maior a chance de ser notícia. A intensidade refere-se à magnitude do acontecimento. A inexistência de dúvidas em relação ao acontecimento, a clareza, é outro critério adotado na hora de selecionar as notícias que estarão no jornal. Histórias muito truncadas exigem melhor apuração.

Quanto mais próximo do público estiver o acontecimento, maior a chance de ser notícia. Portanto, eventos, projetos, ações desenvolvidas no ambiente escolar interessam às pessoas que dele fazem parte.

O fator surpresa está no cerne da notícia que, em sua raiz etimológica já pressupõe novidade. O estudo dos critérios de noticiabilidade bem como de aspectos principais das teorias de comunicação são fundamentais para que professores e alunos em um processo de educomunicação, possam se tornar *gate keepers*, isso é, selecionadores de suas mensagens, escolhendo no universo de acontecimentos da rotina escolar aqueles que merecem ser compartilhados com toda a instituição de ensino e até com a comunidade externa.

Paulo Freire fornece bases sólidas para um modelo educomunicacional dialógico, democrático e participativo. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (Freire: 1979, p.69). Conforme Freire, ensinar é criar possibilidade para a construção do conhecimento e não apenas para sua transferência. Na origem da Educomunicação está a concepção dialógica de Paulo Freire.

A comunidade escolar escolhida como alvo do estudo de caso acerca das deficiências de comunicação interna compreende 370 alunos, uma diretora, uma coordenadora pedagógica, 24 professores e uma média de 700 pais.

A fim de verificar a constatação ou não de falhas de comunicação pelos segmentos da comunidade escolar e detectar onde ocorrem tais falhas optou-se pela pesquisa qualitativa, com entrevistas estruturadas e específicas para cada segmento investigado. Para atender as determinações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do desenvolvimento de pesquisa com seres humanos, as entrevistas ocorreram mediante plena aprovação dos entrevistados. Após autorização prévia, houve o contato com os selecionados para expor os objetivos desse estudo e realização da entrevista, com apresentação do Termo de Esclarecimento. Somente responderam à entrevista aqueles que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomenda a Resolução. Pais, alunos e professores entrevistados foram escolhidos de modo aleatório.

Foram entrevistadas a diretora e a coordenadora pedagógica da escola, um professor de cada nível educacional (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio), dois alunos do ensino fundamental, dois do ensino médio e dois pais de cada área educacional (ensino infantil, fundamental e médio), com roteiros de pesquisa específicos para cada grupo. A coleta de dados, por meio das entrevistas, aconteceu nos meses de outubro e novembro de 2008. Também houve observação direta das rotinas do ambiente escolar em estudo durante cinco dias letivos.

As entrevistas forneceram informações para embasar uma análise da percepção dos problemas de comunicação interna pelos membros da comunidade escolar, bem como suas expectativas em torno da necessidade de informações das atividades da escola..

Dos segmentos ouvidos na pesquisa, os pais são o grupo que menos percebe as deficiências de comunicação, atendo-se apenas ao seu foco de interesse (comunicados da escola) e desagregados do que se passa nos demais setores do Colégio. A conformação a

uma rotina diária e a falta de fluxo contínuo de comunicação interna condiciona, sobretudo os pais, a terem uma visão limitada do contexto escolar. Embora a maioria dos pais entrevistados se declare satisfeita com as informações obtidas – geralmente por meio de comunicados da escola na agenda escolar dos filhos, por e-mail ou telefone – também sugerem a necessidade de atualização mais freqüente do site e o uso de mais mensagens por e-mail.

Apesar da dificuldade de obter uma visão mais global do processo, alguns pais sugeriram melhorias no fluxo comunicacional. Uma das mães entrevistadas reclamou da falta de atualização do site da escola e chegou a propor, intuitivamente, ações de educomunicação:

Na Internet vejo que precisaria ser atualizada com mais freqüência e também divulgar com mais detalhes (talvez por turmas) as ações desenvolvidas. Essa divulgação pode acontecer também com a participação dos próprios alunos colaborando e participando de enquetes, recados, divulgação de fotos. Essa atualização [do site] motiva os próprios alunos que acessam a mostrarem a escola para a comunidade em geral. É com certeza um investimento que trará bons resultados. Outra sugestão é a criação de um jornal da escola, onde se tivesse em algumas partes a participação dos alunos nessa elaboração. (A.C.F.⁴, mãe de aluno da Educação Infantil)

Já para os demais elementos da comunidade escolar (alunos, gestores, professores) que possuem contato com diversos níveis e setores da escola, torna-se mais nítida a falta de conexão e de informação entre os segmentos. Nas duas questões propostas aos estudantes de ensino fundamental e médio (1- De que forma você fica sabendo das atividades e eventos realizados no Colégio? e 2- Dê sugestões para melhorar a divulgação dos eventos e atividades do Colégio para os alunos) as respostas demonstram claramente o interesse dos estudantes em participar mais efetivamente da produção da informação e a necessidade de ampliar o fluxo de comunicação interna. As respostas dos estudantes também denotam sugestões que vão ao encontro das práticas educomunicativas, como demonstram os trechos abaixo retirados de entrevistas com alunas do ensino médio:

Poderia ser feito um jornal de eventos, com todas as informações necessárias ou um mural de divulgação. (SRC, 18 anos)
[Como melhorar a divulgação?] Através de rádio e mais comunicação com alunos participando. (G.G, 17 anos)

Entre os professores, todos os entrevistados apontaram falhas na comunicação interna. Relataram que existe um quadro de recados e comunicados por e-mail, mecanismos

⁴ Os nomes dos entrevistados e da escola foram preservados em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

insuficientes para mantê-los atualizados acerca das ações desenvolvidas pelos colegas. Em resposta à pergunta: “Quais os pontos positivos e negativos das formas de divulgação das atividades/eventos para professores alunos e funcionários?”, uma professora da Educação Infantil observa:

Pontos positivos: receber informações de atividades e eventos do Colégio é muito interessante e válido através de e-mail, mas para quem o possui ou acessa com freqüência. O mural de recados está localizado na sala dos professores e próximo a escada de acesso ao Ensino Fundamental e Médio. Algumas informações de “RH” são colocadas próximo ao ponto dos funcionários, todos então têm acesso à leitura das informações.

Pontos negativos: e-mail: não são todos os funcionários que têm, exemplo: zelador, serviços gerais, entre outros. Mural de recados – nem todos os funcionários têm acesso ao local em que este se encontra. Comunicação verbal – quando o aviso é feito muito antes da data a grande maioria cai no esquecimento. (M.D, 26 anos)

A professora entrevistada alerta para a necessidade de conhecer bem o público alvo e utilizar formas diversas de comunicação. Assim como o aluno aprende de maneiras diferentes, sendo uns mais sinestésicos, outros mais visuais ou auditivos, na comunicação também há várias formas de uma mensagem chegar ao seu destino, para tanto sé preciso identificar quais as possibilidades de comunicação que atingem o público em questão. Outros professores entrevistados também apontam a necessidade de diversificação dos meios utilizados para a comunicação interna na escola:

Pontos negativos: e-mails nem sempre são lidos, murais não são vistos, sendo necessária a divulgação oral dos eventos/atividades aos professores e funcionários. (R.F, 21 anos)

Caso o professor não abra seu e-mail seguidamente, torna-se falha a comunicação. (J.S, 28 anos)

Os próprios entrevistados apontam sugestões para melhorar a comunicação interna da escola e há conexão entre as respostas dos diversos segmentos da comunidade escolar (professores, pais, alunos, gestores).

Se for para “um” deve ser para todos, então todos os funcionários devem ter e-mail e acesso aos informativos do Colégio. Poderia ser criado um jornal informativo semanal, onde todos possam ter acesso (funcionários, alunos, pais). O mural de recados poderia ter um lugar fixo ao lado do ponto, para conhecimento dos eventos e atividades por todos os funcionários (M.D, 26 anos, . Professora de Educação Infantil.)

Poderiam ser enviados comunicados através de e-mails, mensagens automáticas via celular, enfim, com certeza não correriam riscos de reclamações por falta de avisos. (S.C.F, 32 anos, Mãe de aluno Ensino Fundamental I)

Seria legal criar um jornal com as notícias do Colégio. (G.G, 17 anos, estudante)

As sugestões acima estão relacionadas à proposta de educomunicação. A adoção de meios de comunicação interna, como informativo da escola ou a atualização mais freqüente

do site podem se tornar ações educacionais à medida que os próprios alunos possam participar da construção desses mecanismos.

A entrevista com a coordenadora pedagógica apurou que a divulgação dos eventos da escola se dá preferencialmente por comunicados aos alunos, em reuniões com pais e por meio de bilhetes na agenda dos estudantes. Uma coluna em um jornal semanário local, propagandas na rádio FM, distribuição de panfletos e outdoors são as formas de comunicação externa citadas pela coordenadora. Na opinião da coordenadora pedagógica, a forma de comunicação interna que melhor resultado traz é a comunicação oral, “de boca em boca”, mas reconhece que o público-alvo é grande. Ela não tem conhecimento de quanto a escola investe em comunicação externa e ao citar formas de comunicação interna acaba citando apenas peças publicitárias que são destinadas ao público externo.

A diretora informou que a escola investe mais massivamente em comunicação externa (propaganda) no período de matrículas (em média 10% do faturamento). Nos demais meses, a divulgação (restrita à publicidade) fica em torno de 2% do faturamento. Já a comunicação interna, segundo a diretora, tem investimento irrisório que se resume à impressão de convites, avisos e cartazes. A diretora afirma que a escola cresceu muito e há uma necessidade urgente de melhorar o fluxo interno de informações.

PERSPECTIVAS

Diante das observações e dificuldades apresentadas pelos entrevistados, pode-se constatar que a aplicação de programas de educação aliada ao trabalho de comunicação institucional contribuiriam para tornar mais ágil e para ampliar o fluxo de informações dentro da comunidade escolar, criando ecossistemas comunicativos mais entrosados, além de permitir ao público externo o acesso a informações de interesse mais amplo. A contratação de um profissional de comunicação social possibilitaria a adoção de mecanismos de comunicação institucional e estreitaria o contato dos professores com os conhecimentos do campo da comunicação a fim de subsidiar projetos de educação.

A escola possui condições tecnológicas suficientes para a criação de vários mecanismos educacionais como site alimentado por alunos e professores e blogs interdisciplinares. Com poucos recursos (caixas acústicas e um mini-estúdio) é possível implantar na escola uma Rádio-Poste, ou seja, uma rádio interna que transmita programas informativos (não apenas musicais) elaborados pelos próprios alunos em sistema de rodízio

de turmas: a cada dia uma turma de ensino fundamental ou médio fica responsável pela programação a ser veiculada na entrada e no intervalo das aulas. Da mesma forma, a veiculação de jornais murais e de um jornal impresso ou de fanzines daria maior visibilidade às ações desenvolvidas em toda a escola.

Com adoção de uma postura educomunicativa, os professores são estimulados a incentivar, em suas aulas, o uso de recursos multimídia para a aprendizagem. Dessa forma, uma aula de história pode render trabalhos em equipe que produzam mini-documentários acerca de determinado tema. Tais vídeos podem ficar disponíveis no site para os estudantes. Aproveitar eventos da escola como feira de conhecimentos ou festas para realizar exposições dos audiovisuais produzidos é uma forma de mostrar aos pais e público externo as ações desenvolvidas na escola.

Ações isoladas de educomunicação já ocorrem em algumas disciplinas, mas de forma esporádica e sem entrosamento com o conjunto. O profissional de comunicação contratado para cuidar da comunicação institucional pode monitorar os programas de educomunicação desenvolvidos e fazer uma triagem das informações que poderiam interessar ao público externo transformando-as em *releases* e sugestões de pauta encaminhadas aos veículos de comunicação de massa. O caso específico da escola alvo da pesquisa, instituição particular de ensino, permite o investimento em comunicação institucional profissionalizada. Escolas sem recursos financeiros para tal podem, da mesma forma, implantar ações de educomunicação, desde que criem mecanismos para que seus professores busquem conhecimentos da área da comunicação através de cursos, oficinas, palestras e leituras. Mesmo sem muitos recursos tecnológicos, as escolas podem criar seus próprios veículos de comunicação a custo baixo, como é o caso da rádio-poste, dos jornais murais e fanzines, elaborados pelos próprios alunos e professores.

Tavares Júnior (2007: pp. 73-74), após observar e analisar durante três anos e meio a aplicação de programas educomunicativos em rádio nas escolas públicas municipais de São Paulo, aponta vantagens da educomunicação para a unidade escolar, para o educando e o educador. No ambiente escolar, Tavares constatou melhoria das relações entre docentes e alunos; atualização com novas tecnologias e formas de expressão, aproximando-se do universo cultural dos estudantes; ampliação das possibilidades de registro e documentação dos projetos sociais, esportivos e culturais, possibilitando a contribuição, manutenção e acesso a seus acervos em novas linguagens; possibilidade de professores e alunos

desenvolverem suas habilidades no manejo dos recursos de produção sonora, visual e audiovisual, fazendo uso democrático e participativo das novas tecnologias; surgimento e fortalecimento de grêmios estudantis e também de projetos criados e implementados em conjunto por professores e alunos.

Para o educando, Tavares enumera como vantagens da educomunicação o maior envolvimento com processos e projetos inter, multi e transdisciplinares que dizem respeito ao fortalecimento do conceito e da prática da cidadania; a realização de pesquisas mais elaboradas visando a enriquecer o produto comunicativo que está produzindo; a descoberta e o treinamento de novos talentos para trabalhar com a mídia; o aumento da auto-estima, perda paulatina da timidez; aprimoramento da autoconfiança e da capacidade de argumentação, além de ampliação do vocabulário e do repertório cultural; aperfeiçoamento da comunicação oral, atenção e disciplina e melhoria da capacidade de expressão individual e coletiva. O educador, segundo Tavares, encontra nas atividades educacionais a possibilidade de introduzir tecnologias de comunicação em suas aulas, utilizando novas linguagens como meio de releitura do mundo. Outra vantagem citada é o maior interesse, atenção e envolvimento dos alunos e ainda maior facilidade para que o educando relacione conteúdos temáticos com seu cotidiano passando a ser construtor de parte de seu aprendizado.

Para uma concepção verdadeiramente dialógica da educação, como preconiza Freire, a participação efetiva de estudantes, professores e demais membros da comunidade escolar é essencial. A educomunicação oferece essa perspectiva democrática do uso das tecnologias de informação em favor do desenvolvimento do ser humano como agente de sua própria história. A escola que serviu de base para a pesquisa aqui apresentada já foi informada dos resultados e estratégias sugeridas e planeja a gradativa adoção de ações educacionais como forma de gerar um ecossistema comunicativo mais propício a um desenvolvimento ainda mais amplo de seus educandos. A implantação de uma rádio interna, com participação conjunta de alunos e professores é o primeiro passo previsto para o ano letivo de 2009. Ampliar o uso das ferramentas de Internet, com atualizações mais frequentes no site e criação de blogs também está nos planos imediatos da direção da escola. Como o 7º ano do Ensino Fundamental trabalha o conteúdo “jornal” em Língua Portuguesa, deverá ficar responsável pela elaboração de um veículo de comunicação impressa com notícias de todos os setores da escola.

A boa receptividade da escola aos temas aqui propostos leva a acreditar que o ponto final na última frase deste artigo está longe de significar uma conclusão e se aproxima mais do começo de um novo estudo acerca dos resultados efetivos que essa comunidade escolar vai alcançar com suas ações de educomunicação. Com exceção dos fatores ligados a condições econômicas e de infra-estrutura, há grande similaridade de características em todas as unidades escolares, pois o objetivo central e a razão de existir de toda escola é o processo de ensino-aprendizagem. O aluno é sempre o personagem principal do universo escolar, por isso torná-lo protagonista das ações de comunicação é fundamental para seu desenvolvimento integral. Tal constatação leva a pressupor que as ações aqui propostas possam servir de ponto de partida para reflexões em qualquer instituição de ensino infantil, fundamental e médio.

Ao assumir tarefas de produção e difusão da informação, os estudantes deixam de ser apenas receptores de mensagens prontas para atuarem como agentes construtores da comunicação. As ações educacionais além de contribuírem para aprimorar o fluxo interno de comunicação ainda habilitam os estudantes a manter um relacionamento mais crítico com os meios de comunicação de massa, pois passam a compreender melhor a lógica da comunicação e os interesses, estratégias e intencionalidades de quem emite a informação.

A partir do estabelecimento de ações de educomunicação, a escola torna-se um espaço mais propício ao diálogo constante e à troca de experiências entre os membros da comunidade escolar. Nesse novo ecossistema comunicativo que se vai construindo o espaço de comunicação passa a ser realmente polifônico, com a participação das várias vozes: alunos, professores, gestores, funcionários, pais e até do público externo. A escola passa, assim, a democratizar não apenas o acesso à informação como também às possibilidades de produção da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular, UFSC, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARTÍN-BARBERO, Jose. Martin. **Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación.** In: Nómadas. Bogotá, septiembre de 1996, n 5.

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Comunicação Empresarial, comunicação institucional.** São Paulo: Summus, 1986

SARTORI, Ademilde Silveira. Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais In **Unirevista**, vol. 1 , n. 3, julho/2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação e suas áreas de intervenção. **Textos sobre Educomunicação**, disponível em <http://www.usp.br/nce>, acessado em 10 de setembro de 2008.

_____. Gestão Comunicativa da Educação: Caminhos da Educomunicação. **Revista Comunicação e Educação.** jan./abr. 2002, p 16 – 25.

_____. Contra a violência: experiências sensoriais envolvendo luz e visão. Educação para a mídia e Tecnologia Educacional de um ponto de vista Latino-americano. In: **A Criança e a Mídia**, São Paulo, Cortez, 2002.

SODRÉ, Muniz et PAIVA, Raquel. **Afinal o que é a notícia?** disponível em www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005, acessado em 10 de setembro/2008.

TAVARES JUNIOR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa:** a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP São Paulo, 2007.